



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6956 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

## A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE NO TABLADO DA JUNINA MATUTOS DO REI

Francisco Antonio Cruz de Sousa - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Witembergue Gomes Zaparoli - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Cristiano Marinho Braga - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

### A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE

#### NO TABLADO DA JUNINA MATUTOS DO REI

## 1 INTRODUÇÃO

Os coletivos culturais de artes: teatro, dança, pintura, música, grupos de cultura popular, pesquisa e arte-educação desenvolvem, para aplicarem em seus trabalhos de construção de espetáculos, metodologias e estudos de formação que enriquecem seus processos criativos. As quadrilhas juninas na atualidade também seguem nessa mesma perspectiva e evolução.

A quadrilha junina Matutos do Rei, da cidade de Açailândia-MA, há doze anos trabalha com montagem e circulação de espetáculos para brincar no período do São João. Em 2016 sua equipe de produção artística criou o espetáculo “*Verdade e Amor se Encontrarão, Justiça e Paz se Abraçarão*” que retratava a realidade de uma comunidade chamada Piquiá de Baixo, também da cidade de Açailândia. A comunidade de Piquiá de Baixo, bairro com aproximadamente trezentas famílias, é extremamente afetada pela poluição provocada pelas siderúrgicas[1]. Para dar conta do desafio, a junina Matutos do Rei utilizou, durante seu processo de construção do espetáculo, formações cidadãs e políticas que despertou no elenco uma maior consciência de luta por direitos e justiça social. Para isso, a junina se serviu da própria realidade sociocultural de seus integrantes, além de pesquisar sobre a realidade dos moradores e moradoras do Piquiá de Baixo. É importante saber que, a grande maioria dos jovens que integraram o elenco do espetáculo são de baixa renda e alguns vivem em situação de vulnerabilidade social.

Considerando que o espetáculo – montado pela citada junina – prima pela beleza, pela ética e pela estética, muitos de seus princípios pedagógicos coincidem com os princípios

pedagógicos defendidos por Paulo Freire. Especialmente os adotados na *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Nessa obra, Paulo Freire toma a Autonomia como categoria de mediação entre a ação de quem ensina e a ação de quem aprende. São vários os pontos que podemos destacar entre o espetáculo da junina e a pedagogia de Paulo Freire.

Neste trabalho, destacaremos o princípio básico desta obra que é a reafirmação de que o “ato de educar é o ato de conscientizar”, a partir da realidade social e cultural dos sujeitos. Nesse sentido, o espetáculo “Verdade e Amor se Encontrarão, Justiça e Paz se Abraçarão” entra no tablado dos arraiais, durante as festas do São João no mês de junho, não só compromissado com a beleza e estética da festividade junina, mas também compromissado com a emancipação humana.

Como metodologia, utilizamos a pesquisa da realidade lócus da comunidade Piquiá de Baixo, em Açailândia – Maranhão, fontes documentais, jornais e vídeos. Como objeto central de análise a obra *Pedagogia da autonomia* de Paulo Freire, analisada à luz da categoria da Autonomia. Inicialmente, apresentamos os aspectos principais da pedagogia freireana e, em seguida os dados da Junina Matutos do Rei, justamente com os resultados alcançados, destacando os aspectos relevantes tanto da obra de Paulo Freire como do processo da Junina Matutos do Rei.

## **2 O PRIMEIRO ATO: O ARRAIAL DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE**

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, apresenta-nos caminhos para o “ensinar”, afinal, ensinar não é transferir conhecimento. Freire (1996) apresenta práticas dentro das práxis, pois teoria e prática andam juntas e isso é, há muitos anos, fato debatido e consumado. Assim, Paulo Freire nos afirma: “Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação” (FREIRE, 1996, p. 21). O autor em suas abordagens pedagógicas nos alerta das catástrofes desses processos educativos inconscientes e que estão a serviço dos opressores. É o discurso neoliberal, a alienação ideológica e fatalista, o ensino pelo ensino, tecnicista, conteudista, o autoritarismo que silencia os educandos. Notoriamente e infelizmente, são fatores curriculares muito bem estruturados nas instituições escolares. Essa institucionalização garante a manutenção de poderes conservadores que ignoram o protagonismo sociopolítico dos alunos e alunas nos espaços educativos, seus saberes e anseios na vida comunitária.

A educação precisa ser inclusiva, progressista e libertadora, e como caminhos de práticas e teorias, temos as pedagogias freirianas, as metodologias, as reflexões e as práticas educativas na proposta da *Pedagogia da Autonomia* e também da *Pedagogia do Oprimido*.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora (FREIRE, 1996, p. 11).

O discurso fatalista e elaborado nos moldes capitalistas é direcionado exatamente para a classe trabalhadora, para os estudantes e todos os moradores e moradoras de comunidades vulneráveis. É uma forma clara de pacificá-los, calá-los e de adormecê-los nas situações de subalternos e empobrecidos. Combater esses discursos ou desconstruí-los, dentro de espaços comunitários, criativos, educativos, culturais ou formativos, espaços de educação formal ou não formal, é um ato de libertação para uma educação participativa, libertadora e construtora de conhecimento. Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* questiona:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e que a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida. [...] Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1996, p. 30)

É nesta perspectiva de associação da realidade com a arte, que percebemos o trabalho de construção do espetáculo “*Verdade e Amor se Encontrarão, Justiça e Paz se Abraçarão*”. É um processo de experiência em combate às violações de direitos e enfrentamento contra a anulação dignidade e cidadania. Envolver os jovens dentro dessa construção com metodologias que discutem as diversas violências e opressões, a partir de seus olhares, seus saberes e suas vidas, é uma proposta de Paulo Freire quando ele afirma que: “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996 p. 15); é evidente que esses saberes são na verdade, suas experiências, percepções e sentimentos. Assim, os sujeitos que integram o grupo junino Matutos do Rei, em sua maioria, são jovens em situação de vulnerabilidade, que moram em bairros periféricos com alto índice de violência e pobreza, por isso é importante o envolvimento em processos de práticas educativas que discutam a realidade social, cultural e política, e que desconstruam conceitos alienadores para fortalecer a participação na vida social e política, e também contribuir na construção das identidades desses sujeitos: “A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista”. (FREIRE, 1996 p. 19).

A arte e a educação dialogam com a realidade do povo, e não adianta fechar os olhos para os problemas que moradores de bairros pobres enfrentam cotidianamente, por exemplo: falta de água, saneamento básico, ruas sem calçamento, postos de saúde sem atendimento, entre outras desestruturas. A comunidade de Piquiá de Baixo é mais uma entre tantas comunidades que sofrem violações de direitos humanos e descaso dos poderes públicos e privados.

O objetivo do estudo dos processos de construção do espetáculo “*Verdade e Amor se Encontrarão, Justiça e Paz se Abraçarão*”, da Junina Matutos do Rei, é analisar e entender quais mudanças e ressignificações aconteceram na vida dos integrantes do grupo, a partir da experiência de participação na construção e apresentação de um espetáculo que retrata a vida e a luta de uma comunidade em busca de um reassentamento. Entendendo que as metodologias utilizadas pelo grupo junino são processos educativos conectados com os saberes de seus integrantes, com suas relações identitárias, com a realidade social, cultural e política, respeitando a diversidade e as diferenças.

### **3 SEGUNDO ATO: A BRINCANDEIRA FOLCLÓRICA DA MATUTOS DO REI**

O espetáculo da junina Matutos do Rei: *Verdade e Amor se Encontrarão, Justiça e Paz se Abraçarão* (2016), discute exatamente a experiência de moradores e moradoras que enfrentam várias violações de direitos humanos, por exemplo: água contaminada, ar poluído com pó de ferro, doenças respiratórias e doenças de pele por conta da poluição, roçados e moradias atingidas pela fumaça e poeira, crianças e animais já sofreram queimaduras por causa de material com fogo despejados em terrenos próximos da comunidade, e mais uma infinidade de problemas.

A luta dos moradores é para conseguirem reassentar a comunidade em outra área distante da poluição das siderúrgicas. O grupo junino Matutos do Rei, da comunidade da Vila Ildemar de Açailândia-MA, resolveu discutir a problemática do Piquiá de Baixo montando um espetáculo junino que retratasse essa realidade. É a arte a serviço da comunidade, como denúncia, construção de conhecimento e identidades. “Identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (NÓVOA, 1992, p. 15).

Os processos e práticas educativas apresentados por Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* reforçam constantemente o respeito à diversidade, à identidade e aos saberes dos sujeitos, respeito à autonomia e à dignidade, não como favor, mas como postura ética e moral (FREIRE, 1996). Ensinar exige respeito, essa postura consciente de respeito é um passo importante na construção do conhecimento.

O grupo junino Matutos do Rei é um grupo heterogêneo, com integrantes de diferentes classes sociais, cor, gênero e formação educacional. Saber lidar com essa diversidade, usá-la em favor do bem comum, conseguir interação e socialização entre os diversos jovens que compõem o elenco da junina contribuiu para que o espetáculo sobre a luta da comunidade do Piquiá de Baixo fosse um sucesso, vencendo o concurso estadual “Arraiá da Mira 2016” e se tornasse referência para outros grupos juninos, e, inclusive, fonte de pesquisa para trabalhos acadêmicos. “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (FREIRE, 1996, p. 25).

A decisão da Junina em apresentar nos arraiais um espetáculo construído a partir de uma dura realidade social, abre espaços no grupo para a discussão sobre educação, principalmente uma educação em modelos progressistas, libertários e de autonomia. É um caminho transformador, com resultados impactantes, não só de prêmios, mas de visibilidade e abertura. Paulo Freire também discute esses processos educativos na *Pedagogia do Oprimido*, falando da transformação da realidade opressora e de uma pedagogia a serviço do oprimido.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O 1º em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o 2º, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2011, p. 58).

É possível, com muita clareza, perceber a pedagogia freiriana a serviço de uma educação libertadora, assim como a arte também deve estar a serviço de uma cultura libertadora. Os caminhos pedagógicos utilizados pela junina na formação cidadã e política de seus integrantes para a construção de um espetáculo político e social, unem-se aos caminhos propostos por Paulo Freire. Com essa proposta, os tablados, arraiais e noites de São João se completam: educação e cultura; consciência e construção; oprimidos levantando-se contra opressores. Jovens, brincando o São João, ao mesmo tempo em que provocam no público o chamado para

a conscientização da luta de uma comunidade diretamente impactada pela ganância. É esse o sentido da brincadeira: o despertar, o levantar-se contra as violações e mortes. É também a provocação ao (re) pensar o papel da educação, da cultura, da arte. Sobre a importância do ato de pensar, Paulo Freire nos alerta:

“Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos. Pensar certo não é que – fazer de quem se isola, de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido, mas co-participado” (FREIRE, 1996, pg. 20)

A Junina Matutos do Rei pensou certo e dançou a luta de um povo, sim, a luta, a peleja, o enfrentamento às violações de direitos humanos. Unindo Freire e o São João, como um par, exatamente como na dança junina, em par, dama e cavalheiro, dançando a dança libertadora da Pedagogia do Oprimido e dos saberes necessários à prática educativa, da Pedagogia da Autonomia; esta ganhou os espaços, os tablados juninos e brilhou nas noites de São João aos olhos do público que prestigiou, em 2016, um espetáculo junino de luta pelos direitos de um povo sofrido e ameaçado pelo falso desenvolvimento e progresso.

Paulo Freire quando fala de luta, amplia horizontes e perspectivas: “Esta luta pela humanização somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores” (FREIRE, 2011 p. 41). A luta pela humanização e pela liberdade, pelo trabalho livre, desalienação e tantas opressões e medos, é uma prática que deve ser construída na consciência de lutas de classes, que se dá a partir dos espaços de educação, de formação, de ensino e aprendizagem (FREIRE, 2011).

A experiência dos jovens que integraram o espetáculo sobre o reassentamento da comunidade de Piquiá de Baixo, certamente foi de educação popular, de aprendizagem e de ensino. O ensino não metódico, mas livre e sério. O ensino que pode ser construído em todos os espaços e com todos os sujeitos, os mais diversos sujeitos. Vale lembrar que, ensinar exige apreensão da realidade. Ensinar exige dançar a vida. Ensinar exige gritar “Viva São João” e “Viva Paulo Freire”.

#### 4 CONCLUSÃO

Uma educação a serviço da comunidade, assim como a arte a serviço de uma cultura libertadora. Ambos os pensamentos se conjugam harmoniosamente. Paulo Freire também é arte, também é cultural. A quadrilha junina perpassa pela pedagogia da autonomia quando constrói espetáculos que retratam a realidade social, quando propõe estudos e formações aos seus integrantes respeitando seus saberes, suas diferenças, suas necessidades e etc. Estudos que constroem conhecimentos sem ignorar a realidade desses sujeitos brincantes. O que se percebe nessa proposta de trabalhos da Junina Matutos do Rei, são avanços, uma juventude consciente, participativa e engajada na construção de uma sociedade mais justa.

As quadrilhas juninas, sejam tradicionais, sejam contemporâneas, estão em favor da comunidade, dos sujeitos que celebram os festejos juninos, a cultura popular, a arte e a

educação, que acreditam na transformação da realidade e liberdade. E que se disponibilizam e se propõem a reinventar a brincadeira, no sentido de mostrar que é possível falar de qualquer temática em um espetáculo junino, usando os elementos, os símbolos do São João. Signos do imaginário popular, da devoção, da religiosidade e da festividade.

A pedagogia da autonomia é uma afirmação concreta do quão importante são as práticas educativas na perspectiva progressista, libertadora dos sujeitos educandos. Educação na perspectiva da realidade dos jovens e adultos, de sua vida sofrida, suas problemáticas sociais, suas vulnerabilidades, para conscientizar, politizar e reafirmar compromisso de luta pelos direitos. A Junina Matutos do Rei foi muito feliz em proporcionar aos seus integrantes a oportunidade de refletir sobre a vida de uma comunidade ameaçada pelo neoliberalismo, pelo falso desenvolvimento, pelo falso progresso. Piquiá de Baixo é sinônimo de resistência e luta. A educação é esse lugar de transformação, de consciência política, pois ensinar é uma competência humana, e ser humano é ser crítico, é dialogar com a realidade (FREIRE, 1996).

Na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, ele nos apresenta uma reflexão que é quase como uma receita para a vida: “E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si mesmos e aos opressores” (FREIRE, 2011, p. 41). Essa tem sido de forma consciente e oportuna a missa dos sujeitos que brincam na Junina Matutos do Rei, pois quando dançam a vida, dançam a luta do povo, e estão experimentando o poder de se libertar.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

NÓVOA, Antônio (Org). **Os Professores e sua Formação**. Lisboa: D. Quixote\Instituto de Inovação Educacional. 1992.

Palavras-chaves: pedagogia, comunidade, junina, autonomia, brincantes.

---

[1] Os impactos das empresas Viena Siderúrgica, Gusa Nordeste e Vale na comunidade de Piquiá de Baixo afetam o meio ambiente e a saúde dos moradores e moradoras. Essas siderúrgicas provocam poluição e contaminação do ar, da terra e da água.